DAVAR POLISSÊMICA

Contribuições da ancestralidade e da espiritualidade na perspectiva da educação planetária no currículo tradicional

Contributions of ancestry and spirituality from a planetary education perspective in the traditional curriculum

Claudete Beise Ulrich[131]
Docente no PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Sabrina da Silva Braga Lopes[132]
Doutorando no PPG em Teologia na Faculdades EST

Ana Carolina Paranhos [133]
Mestranda no PPG em Teologia da Faculdades EST

Recebido em: 26 fev. 2026 Aprovado em: 11 mai. 2026

[131] Pós-doutorado em História (2008 - UFSC). Pós-doutorado em Educação (2019- UFES). Doutorado em Teologia, ênfase religião e educação (2006 - Faculdades EST). Mestrado em Teologia - (2002 EST). Graduação Bacharel em Teologia (1987-EST), Licenciatura em Pedagogia (2006-UDESC), Licenciatura em História (2023 - Claretiano), Licenciatura em Ciências das Religiões (2024 Faculdade Unida de Vitória) e Licenciatura em Sociologia (Centro Universitário Cidade Verde). Professora no curso de graduação em Teologia, na Licenciatura em Ciências das Religiões e no Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/9944681145159594 Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9830-3768 Email: claudete@fuv.edu.br

[132] Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil. Mestre em Teologia pela Faculdades EST. Tem Especialização em Educação Especial, Alfabetização e Letramento, Coordenação e Gestão Pedagógica. Doutorada em Teologia na Faculdades EST. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/0976778159758847 Orcid: https://orcid.org/0009-0002-1456-1792 E-mail: sabrinasilvabragalopes@gmail.com

[133] Mestranda em Teologia pelas Faculdades EST. Bacharelado em Teologia pelas Faculdades EST. Pós-graduação em Ministério Eclesiástico da IECLB pelas Faculdades EST. Pós-graduanda em Ciências da Religião pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Integrante do grupo de pesquisa "História do Cristianismo na América Latina" sob a responsabilidade do Prof. Dr. Wilhelm Wachholz e "Lutero e a Teologia da Reforma" sob a responsabilidade do Prof. Dr. Eduardo Sales de Lima. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/7270615783809090 Orcid: https://orcid.org/0009-0002-8009-6550 E-mail: ana@estudante.adl.org.br

Resumo: No contexto histórico atual, a reflexão crítica sobre a racionalidade ocidental e a educação tecnicista, bem como o resgate dos saberes ancestrais indígenas e da espiritualidade, refletem um movimento necessário de valorização da diversidade cultural existente no Brasil. Este estudo tem como objetivo repensar a educação contemporânea a partir das perspectivas indígenas e de sua cosmovisão espiritual, com vistas a promover uma educação conectada aos desafios atuais contribuindo para a construção de uma consciência coletiva voltada ao cuidado de si, do outro e do planeta, a partir dos conceitos de ancestralidade e da espiritualidade. Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico e reflexivo, especialmente fundamentado nas contribuições do filósofo e escritor Ailton Krenak, buscando realizar uma análise crítica de suas obras em articulação com a experiência docente de Sabrina da Silva Braga Lopes, na EMEF Télbio Farias Cardoso, localizada no município de Capivari do Sul/RS, no período de 2019 a 2024. Os resultados deste estudo demonstram que ainda são muitos os desafios para superar o paradigma eurocêntrico que domina a educação formal, como o preconceito e a invisibilidade dos saberes ancestrais indígenas nos currículos tradicionais. Conclui-se, no entanto, que a integração dos saberes ancestrais e da espiritualidade contribui para uma formação mais humana e conectada à natureza, na qual os sujeitos tornam-se mais conscientes e responsáveis por suas ações em sociedade.
Palavras-chave: Espiritualidade; Ancestralidade; Educação planetária; Currículo.

Abstract: In the current historical context, the critical reflection on Western rationality and technicist education, as well as the recovery of Indigenous ancestral knowledge and spirituality, represents a necessary movement towards valuing Brazil's cultural diversity. This study aims to rethink contemporary education from indigenous perspectives and their spiritual worldview, with a view to promoting an education connected to current challenges, contributing to the construction of a collective consciousness focused on self-care, care for others, and care for the planet, based on the concepts of ancestry and spirituality. Methodologically, this is a bibliographic and reflective study, especially based on the contributions of the philosopher and writer Ailton Krenak,

seeking to carry out a critical analysis of his works in conjunction with the teaching experience of Sabrina da Silva Braga Lopes, at EMEF Télbio Farias Cardoso, located in the municipality of Capivari do Sul/RS, from 2019 to 2024.The results reveal that overcoming the Eurocentric paradigm that dominates formal education remains a major challenge, particularly due to prejudice and the invisibility of Indigenous ancestral knowledge in traditional curricula. Nevertheless, the study concludes that the integration of ancestral knowledge and spirituality contributes to a more humane education, connected to nature, in which individuals become more aware and socially responsible for their actions.
Keywords: Spirituality; Ancestrality; Planetary education; Curriculum.

Introdução

No Brasil, os povos e comunidades tradicionais estão ganhando cada vez mais visibilidade e participação em fóruns de discussões, além de serem foco de realizações de estudos e pesquisas, construção de marcos legais e implementação de políticas públicas. Com o advento do Decreto 6.040/2007, essa visibilidade ganha status oficial ao instituir a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

A educação, enquanto prática social, sempre refletiu as concepções de mundo predominantes em cada contexto histórico. No Brasil, a herança da racionalidade ocidental e do modelo tecnicista ainda se manifesta de maneira intensa nos espaços escolares, direcionando o processo educativo para a lógica da produtividade, da fragmentação dos saberes e da adaptação do indivíduo às demandas de um sistema desigual. Essa perspectiva, no entanto, mostra-se insuficiente diante dos desafios contemporâneos, como as crises socioambientais, a intolerância cultural e religiosa, e a urgência de se repensar os modos de vida em uma sociedade marcada pela exploração da natureza e pela exclusão social.

Nesse cenário, emergem como fundamentais os debates em torno da valorização da diversidade cultural e do resgate dos saberes ancestrais dos povos indígenas, que oferecem uma cosmovisão pautada no cuidado, na espiritualidade e na interdependência entre seres humanos e natureza. A reflexão crítica proposta por pensadores como Ailton Krenak amplia esse horizonte, desafiando a escola a romper com a reprodução de um paradigma eurocêntrico e a reconhecer a legitimidade de conhecimentos historicamente silenciados. Ainda que avanços tenham ocorrido no campo legal, como a Lei

11.645/2008, que torna obrigatória a abordagem da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo, a efetiva implementação dessa valorização encontra entraves práticos e simbólicos nas instituições de ensino.

A lacuna que se coloca, portanto, diz respeito à ausência de uma educação verdadeiramente intercultural e integral, capaz de articular os conteúdos formais da escola com os saberes ancestrais, espirituais e comunitários. Essa ausência impede que a escola cumpra plenamente sua função formadora, mantendo invisíveis práticas, culturas e modos de existir que poderiam enriquecer o processo educativo.

Diante disso, a questão que norteia este estudo é: como a integração dos saberes ancestrais indígenas e da espiritualidade pode contribuir para uma educação mais humana, crítica e conectada aos desafios contemporâneos. Como objetivo geral, busca-se repensar a educação atual a partir da cosmovisão indígena, especialmente fundamentada nas reflexões de Ailton Krenak, propondo caminhos que aproximem a escola de uma prática pedagógica engajada, crítica e sensível às questões humanas e ambientais. Especificamente, pretende-se: analisar criticamente as contribuições de Krenak no debate sobre educação e espiritualidade; refletir sobre a invisibilidade dos saberes ancestrais indígenas no currículo escolar; e indicar possibilidades de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e a formação de sujeitos conscientes de sua responsabilidade para com o outro e com o planeta, a exemplo do Projeto pedagógico Raízes, elaborado e executado pelas autoras deste artigo na EMEF Télbio Farias Cardoso no município de Capivari do Sul/RS.

1. Contribuições do conhecimento ancestral e da espiritualidade na perspectiva de educação planetária

Nesta seção, convidamos à reflexão sobre a importância de integrar saberes tradicionais e valores espirituais voltados para o cuidado com a Terra e o bem viver coletivo aos processos educativos atuais. Os conhecimentos ancestrais, transmitidos por povos originários e comunidades tradicionais, carregam uma profunda conexão com a natureza, com o sagrado e com formas de convivência baseadas no respeito, na harmonia e na interdependência. Esses saberes se inter-relacionam com a espiritualidade, entendida como a busca por sentido, equilíbrio interior e conexão com o todo, oferecendo caminhos para a formação integral do ser humano. Quando incorporados à educação, esses aspectos ampliam a visão de mundo dos sujeitos, promovendo uma consciência ética, ecológica e solidária, fundamental para enfrentar os desafios globais e

cultivar uma relação mais cuidadosa com a vida em todas as suas formas, caracterizando, assim, uma educação planetária.

Vivemos em um tempo marcado por múltiplas crises que atravessam a existência humana em escala global. A crise ambiental, evidenciada pelo colapso climático, pela perda de biodiversidade e pela destruição de ecossistemas, expõe o esgotamento de um modelo de civilização baseado na exploração desenfreada da natureza. Paralelamente, observa-se o crescimento de processos de desumanização, manifestos em desigualdades sociais profundas, exclusão de populações tradicionais, banalização da violência e enfraquecimento dos vínculos comunitários.

Nesse contexto, a lógica educacional tecnicista, centrada na produtividade, na competição e no acúmulo de informações desconectadas do sentido da vida, continua a predominar em grande parte das escolas brasileiras. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, denuncia esse modelo por meio do conceito de "Educação Bancária", no qual o professor, detentor do conhecimento, o deposita nos alunos sem considerar suas experiências, saberes e participação ativa.[134] Essa crítica evidencia a necessidade de repensar a educação como processo emancipatório, capaz de formar sujeitos conscientes, críticos e éticos, atentos à interdependência entre sociedade, cultura e meio ambiente, segundo Judith Sucupira da Costa Lins.[135]

Nessa conjuntura, torna-se urgente repensar a função da educação. Mais do que formar indivíduos para o mercado, é preciso educar para a convivência, o cuidado com a Terra e o reconhecimento da interdependência entre todos os seres. Esse novo paradigma educacional – mais sensível, ecológico e plural – pode ser enriquecido pela sabedoria dos povos originários e por visões de mundo que integram espiritualidade, ancestralidade e pertencimento à teia da vida. De acordo com a Brasil-Embrapa

> As atuais crises que a sociedade humana enfrenta nos coloca, obrigatoriamente, no dever de resgatar, compreender e aprender com o conhecimento tradicional e os seus fundamentos, pois representam grande oportunidade de colaborar na busca de caminhos novos e mais seguros para a sobrevivência da humanidade.[136]

---

[134] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.
[135] LINS, Judith Sucupira da Costa. *Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 1-12.
[136] BRASIL.– EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). *Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal*. Brasília, DF: EMBRAPA, 2015. p. 2.

Nesta perspectiva, torna-se relevante apresentar uma breve conceituação dos termos conhecimento ancestral, espiritualidade e educação planetária, com o objetivo de proporcionar ao leitor uma compreensão clara das relações existentes entre esses conceitos para fins desta reflexão bibliográfica. Ao definir esses termos, busca-se estabelecer as bases teóricas necessárias para analisar como saberes transmitidos entre gerações, valores espirituais e práticas educativas voltadas para a interdependência e o cuidado com a Terra se articulam na construção de uma educação mais sensível, ética e integral. Essa contextualização inicial permite situar o leitor no diálogo entre tradição, contemporaneidade e perspectivas educativas voltadas para a sustentabilidade e o bem viver coletivo, evidenciando a importância de reconhecer as conexões entre práticas culturais, memória, ética ambiental e formação humana. Segundo Brasil-Embrapa

> O conhecimento ancestral pode ser compreendido como o saber transmitido entre gerações, relacionado à oralidade, ao território, à experiência com a natureza e à coletividade. Esses saberes tradicionais estão diretamente associados a povos indígenas e a diversas comunidades, como quilombolas, ribeirinhas, seringueiras, quebradeiras de coco babaçu, caiçaras, raizeiros, fundo de pasto, parteiras, benzedeiras e curandeiros, que utilizam práticas aprendidas internamente ou em troca com outras comunidades, sendo transmitidas ao longo de muitas gerações.[137]

Bell Hooks não apresenta uma definição direta de "conhecimento ancestral", porém, em suas obras, o termo pode ser associado aos saberes da vida, às experiências vividas e às práticas culturais das comunidades. Esse conhecimento está profundamente ligado à oralidade, à memória, à transmissão de saberes entre gerações e à conexão com o passado. A autora defendia uma educação engajada, capaz de valorizar o corpo, a mente e o espírito dos estudantes, integrando suas histórias, culturas, emoções e sentimentos ao processo formativo.[138]

Airton Krenak nos convida a modificar nosso olhar sobre o que é ancestralidade "Se, em vez de olharmos nossos ancestrais como aqueles que já

[137] BRASIL-EMBRAPA, 2015. p. 25-36.
[138] HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 16.

estavam aqui há muito tempo, invertermos o binóculo, seremos percebidos pelo olhar deles".[139] A ancestralidade está ligada com processo educativo, com a memória, com relações intergeracionais. Para o autor

> Os pais renunciaram a um direito, que deveria ser inalienável, de transmitir o que aprenderam, a memória deles, para que a próxima geração possa existir no mundo com alguma herança, com algum sentimento de ancestralidade. Hoje, quem fala em ancestralidade é um místico, um pajé, uma mãe de santo, porque as "pessoas de bem" saíram de um MBA em algum lugar e não vão ficar falando esse tipo de coisa. São como uns ciborgues que estão circulando por aí, inclusive administrando grandes grupos educacionais, universidades e toda essa superestrutura que o Ocidente ergueu para manter todo mundo encurralado.[140]

O documento, *Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal*, já mencionado, define o conhecimento ancestral como sendo o conhecimento presente em comunidades tradicionais e associado à oralidade, memória e coletividade, expressa uma forma de espiritualidade não religiosa, ligada à vida cotidiana e à relação com a natureza.[141]

A ancestralidade é uma categoria complexa que se liga aos antepassados e tem aí a sua riqueza. A força da categoria ancestralidade se encontra na relação com a comunidade, sabedoria das pessoas idosas, nunca se é alguém apenas individualmente, mas se é junto com o/a outro/a. "Portanto, a ancestralidade é um conceito que necessita ser aprofundado, especialmente, no tempo em que cresce o individualismo e diminui a importância da comunidade"[142].

Essa visão amplia a dimensão formativa para além do conteúdo técnico, integrando culturas, histórias e emoções. Como refletimos, Krenak nos convida a repensar a ancestralidade, entendendo que somos observados pelos ancestrais e que sua sabedoria permanece viva, mesmo diante da racionalidade moderna. Essa perspectiva rompe com a ideia de espiritualidade como prática

---

[139] KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 17.
[140] KRENAK, 2020. p.47.
[141] BRASIL-EMBRAPA, 2015.
[142] ULRICH, Claudete Beise, LACERDA, Geisa Hupp Fernandes, Silva, Edeson dos Anjos; Schubert, Arlete Maria Pinheiro. Diáspora africana, ancestralidade e a tradição religiosa dos candomblés:: (en)cruzilhadas a conhecer. *Identidade!*, v. *27*, n. 1, 2022, p. 117.

exclusivamente religiosa. Trata-se, antes, de uma vivência ética de pertencimento, cuidado e interdependência. Assim, educação, ancestralidade e espiritualidade se encontram como caminhos para um paradigma mais sensível e plural.

Repensar a função da educação exige reconhecer que o processo formativo não pode se restringir à lógica do mercado, mas deve cultivar valores de convivência, cuidado e pertencimento à Terra. Segundo Claudete Beise Ulrich, "o cuidado permite que a vida sobreviva, desabroche a inteligência, que venha a tona a palavra, que se exercite a criatividade, a poesia, a boniteza da vida. Então, a práxis ética do cuidado é aquela base fundamental, sem a qual a vida não se desenvolve."[143]

Nesse horizonte, o diálogo com os conhecimentos ancestrais, transmitidos por meio da oralidade, da coletividade e da relação íntima com a natureza, amplia a compreensão sobre espiritualidade e educação planetária. Hooks aponta que esses saberes produzem formas de resistência e de transformação que rompem com a hegemonia da educação tradicional, ao passo que Krenak nos provoca a inverter o olhar sobre a ancestralidade, compreendendo que somos nós que estamos sendo vistos pelos ancestrais e não o contrário. Ao criticar a racionalidade dominante, o autor denuncia o distanciamento da sociedade em relação às fontes de sabedoria ligadas a pajés, mães de santo e lideranças espirituais, revelando que tais saberes permanecem vivos e essenciais para construir um paradigma educacional mais plural, ecológico e sensível às interdependências da vida.

Diante da necessidade de resgatar saberes tradicionais e fortalecer o vínculo com todos os seres humanos, não humanos, com a Terra e tudo que ela contém, é fundamental refletir sobre como espiritualidade e educação se articulam. Ulrich afirma "que a educação necessita fazer acontecer encontros, diálogos e reflexões interculturais para que aconteçam transformações significativas na sociedade, rompendo com os preconceitos, intolerâncias e o racismos."[144] De acordo com Leonardo Boff

> A espiritualidade não é monopólio das religiões nem dos caminhos espirituais codificados. A espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano. Essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo

[143] ULRICH, Claudete Beise. Educar para a praxis do cuidado e da espiritualidade: perspectivas para a construção do bem-viver. In: FOERSTE, Erineu (Org.). *Culturas, parcerias e Educação do Campo*. Curitiba: Appris, 2020. p. 392.
[144] ULRICH, 2020, p. 393.

> consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta do outro, pela responsabilidade e pelo cuidado como atitude fundamental. É alimentar um sentido profundo de valores pelos quais vale sacrificar tempo, energias e, no limite, a própria vida.[145]

Boff interliga espiritualidade com a responsabilidade pelo cuidado como atitude fundamental da humanidade. A prática da espiritualidade se realiza no cotidiano. Neste sentido ressalta Clairton Puntel e Julio Cézar Adam

> Espiritualidade tornou-se um conceito em evidencia em várias áreas do conhecimento, em especial nas áreas da saúde, da gestão e da educação. [...] Nas ultimas décadas, a espiritualidade deixa cada vez mais sua vinculação estrita ao âmbito religioso e passa a ser mais e mais abordada por outras áreas do conhecimento, como a educação.[146]

Dessa forma, ao ampliar o seu campo de atuação para além do âmbito estritamente religioso, a espiritualidade passa a manifestar-se concretamente nas diversas dimensões da vida cotidiana. Segundo Adam e Puntel

> Espiritualidade tem a ver com a vida cotidiana, com o trabalho, com nossos costumes, com a maneira como nos vestimos, com aquilo que comemos, como tratamos o nosso corpo e nossa sexualidade, como nos relacionamos com as pessoas e com o ambiente onde estamos, e também com como nos relacionamos com o transcendente, com Deus ou a Realidade Plena. E, de forma muito específica, a espiritualidade abre espaço para as dificuldades, anseios e crises da própria vida, das relações consigo, com as pessoas, com a sociedade e com o mundo.[147]

---

[145] BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 80

[146] PUNTEL, Clairton; ADAM, Júlio Cézar. Espiritualidade, regulação emocional e educação: definições, funções e proposição. In PINHEIRO, Danielle Ventura de Lima; ADAM, Júlio Cézar; PUNTEL, Clairton, SILVA, Marinilson Barbosa. Educação, espiritualidade e desenvolvimento socioemocional. João Pessoa: Editora UFPB, 2023. p. 97.

[147] ADAM, Júlio; PUNTEL, Clairton. Mindfulness e espiritualidade como estratégica de enfrentamento em situações de crise. *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo v. 61 n. 1, p. 239-255 jan./jun. 2021. p. 247.

A espiritualidade, segundo Ulrich está relacionada com "cuidado e de uma espiritualidade ativa como possibilidade para um um novo devir histórico ecológico da humanidade, na construção coletiva do bem-viver."[148] a ideia de interdependência e a conexão com algo maior. Para Leonardo Boff "a espiritualidade pertence à natureza humana, com o mesmo direito de cidadania que a inteligência. Ela deve ser distinguida da religiosidade, embora possam se potenciar". [149] Para Krenak (2021) em entrevista ao canal Sempre um papo, é uma vivência concreta de pertencimento ao mundo, na passagem "O sagrado está relacionado à terra", para o autor tem a ver "com ser filho da terra, para ele tudo que é sagrado".[150]

A reflexão de Adam e Puntel (2024) mostra que espiritualidade e educação, ao se cruzarem, revelam-se caminhos essenciais para o "bem viver", entendido como interdependência, cuidado e conexão com algo maior. Boff contribui ao afirmar que espiritualidade é respirar junto com a vida, reconhecendo nossa responsabilidade ética com a Terra e com todos as pessoas.

Já Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo*, entende a espiritualidade como pertencimento ao mundo, onde rios, montanhas e florestas são parentes.[151] Nesse diálogo, espiritualidade e educação se tornam práticas cotidianas de construção de sentido, que fortalecem a integralidade da existência e a formação de sujeitos comprometidos com a vida. "A espiritualidade é a ancestralidade. São as memórias que carregamos desde o ventre da nossa mãe e as memórias que nossa mãe guarda desde o ventre da nossa avó e assim por diante"[152].

Já a Educação Planetária, Moacir Gadotti, por sua vez, vem a ser uma educação que transcende fronteiras disciplinares e geográficas, promovendo uma consciência ecológica, social e cultural integrada e propõe uma visão de mundo interconectada, colaborativa, com respeito à diversidade e à vida em todas as suas formas, unindo os os conceitos anteriores numa práxis.

---

[148] ULRICH, 2020, p. 394.

[149] BOFF, Leonardo. É possível garantir a sustentabilidade da Terra? 2021. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/648409-e-possivel-garantir-a-sustentabilidade-da-terra-artigo-de-leonardo-boff>

[150] VIDAL, Marina. O outro nome da vida. Disponível em https://sempreumpapo.com.br/o-outro-nome-da-vida/. Acesso em set 2025.

[151] KRENAK, Ailton *Ideias para adiar o fim do mundo* .1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

[152] FRANÇA, Heloisa. *Corpo-Templo:* poéticas visuais, rito e memória. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais). Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cachoeira, 2019. p. 16.

> Nesse contexto, parece mais adequado falar de uma educação para viver com a Terra, uma educação para a sustentabilidade, do que uma "educação para o desenvolvimento sustentável". O conceito de "desenvolvimento sustentável" é ambíguo. Para mim, sustentabilidade é o sonho de bem viver, com a Terra, compartilhando um planeta com outros seres vivos, humanos e não humanos [...] somos todos habitantes de uma única casa, de uma única morada. Temos uma identidade terrena.[153]

O conceito de humanidade em Krenak (2020) corroba com o pensamento de Gadotti sobre educação planetária, pois ultrapassa a noção ocidental de indivíduo racional e autônomo, rompendo com a ideia de superioridade humana sobre a natureza. Para o pensador indígena, a humanidade deve ser compreendida como uma experiência de pertencimento, que reconhece a vida em sua pluralidade de formas e modos de existência. Nesse sentido, não há uma única humanidade, mas diferentes humanidades, constituídas por práticas, cosmologias e relações diversas com a Terra.

> Quando falo de humanidade não estou falando só do Homosapiens, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre. Muitos povos, de diferentes matrizes culturais, têm a compreensão de que nós e a Terra somos uma mesma entidade.[154]

Diante dessas perspectivas, torna-se evidente que a Educação Planetária não se limita a transmitir conteúdos, mas propõe uma formação integral, capaz de reconectar os seres humanos com a Terra, com outros seres vivos e consigo mesmos. Ao integrar os saberes ancestrais, a espiritualidade e o cuidado com o planeta, a educação deixa de ser um instrumento puramente utilitário e se transforma em uma prática de pertencimento, respeito e responsabilidade ética. As ideias de Gadotti e Krenak nos lembram que humanidade, sustentabilidade e convivência são conceitos inseparáveis, e que a verdadeira educação para o século XXI deve inspirar a construção de uma sociedade mais

---

[153] GADOTTI, Moacir. *Educar para viver com a Terra*. s/d. p. 2-3.Disponível em: https://gadotti.org.br/bitstream/123456789/416/2/AMG_PUB_01_003.pdf. Acesso em: set. 2025.
[154] KRENAK, 2020, p. 7.

consciente, solidária e harmoniosa, capaz de cultivar o bem viver para todos os habitantes da Terra.

2. Projeto Raízes: uma proposta interdisciplinar de valorização dos saberes 2ncestrais na educação básica

Como professora desde o ano de dois mil e doze, atuando na educação básica no município de Capivari do Sul, sempre busquei desenvolver uma prática pedagógica interdisciplinar que estivesse conectada à realidade, vivências e interesses dos alunos e alunas das turmas que leciono, fazendo uso de metodologias que integrassem os conhecimentos quilombolas do Quilombo da Costa da Lagoa e os saberes dos indígenas locais aos processos educativos, promovendo o reconhecimento da diversidade cultural, a preservação da memória coletiva e o fortalecimento da identidade dos estudantes.

O Projeto Raízes foi idealizado no ano de dois mil e vinte quatro durante meu curso de Doutorado em Teologia na Faculdades EST de São Leopoldo/RS. O projeto é uma proposta pedagógica interdisciplinar que busca integrar os saberes tradicionais da comunidade quilombola da Costa da Lagoa e os conhecimentos indígenas aos processos educativos da escola. A iniciativa surgiu da necessidade de superar a fragmentação curricular e de construir uma prática formativa que valorize a diversidade cultural, a memória coletiva e a espiritualidade, fortalecendo a identidade dos estudantes e ampliando sua compreensão crítica do mundo.

O projeto tem como objetivos principais reconhecer e valorizar a herança cultural das comunidades tradicionais, aproximando os estudantes de suas histórias e práticas de vida, fortalecer a identidade e o protagonismo dos alunos por meio de uma educação conectada às realidades locais e promover uma formação integral e planetária, capaz de desenvolver a consciência crítica, a ética e a responsabilidade socioambiental.

A metodologia adotada é interdisciplinar e transdisciplinar, articulando diferentes áreas do conhecimento em torno de eixos temáticos construídos a partir das vivências locais e dos interesses dos estudantes. O projeto se organiza por meio de pesquisas, visitas pedagógicas, rodas de conversa, oficinas, práticas ambientais e produção coletiva de conhecimentos, como textos e desenhos. A escuta ativa dos sujeitos envolvidos é central, garantindo que os saberes ancestrais sejam reconhecidos como parte legítima do currículo escolar.

Entre as práticas pedagógicas realizadas, destacam-se: oficinas de contação de histórias literárias e lendas com temática afro-brasileira e indígena, nas quais os estudantes registraram narrativas em textos coletivos, cartazes e desenhos; oficinas de arte, nas quais são produzidas artes plásticas e resgatadas brincadeiras tradicionais; estudos realizados por meio de pesquisas

sobre alimentação tradicional – incluindo receitas, costumes e cultivos da mandioca, do milho, do uso da erva-mate, de temperos e de ervas medicinais – em aulas de Ciências e História, relacionando saúde, cultura e preservação ambiental; vivências ao ar livre, nas quais os alunos exploram espaços naturais ao redor da escola e na comunidade, como o Quilombo da Costa da Lagoa e a Aldeia Indígena, com o objetivo de reforçar a percepção da interdependência entre seres humanos e ambiente; e projetos de leitura e escrita, como a "sacola literária viajante", por meio da qual os alunos têm contato com obras literárias de temática afro-brasileira e indígena, visando o resgate da memória coletiva e aproximando os estudantes da literatura viva de suas comunidades. Com essas ações, o Projeto Raízes busca tornar a aprendizagem mais significativa, afetiva e transformadora, rompendo com práticas escolares excludentes e aproximando os conteúdos curriculares das experiências concretas dos alunos. Ao integrar saberes ancestrais, espiritualidade e ciência, a iniciativa contribui para a construção de uma educação planetária, que reconhece a interdependência entre humanidade e natureza, valoriza a diversidade cultural e forma sujeitos críticos, engajados e sensíveis às múltiplas dimensões da vida.

É sabido que durante todo período de colonização do Brasil, no qual os indígenas lutaram nas guerras dos homens brancos em buscas dos ideais brancos, abandonando seu jeito de ser, viver e existir. É importante compreender a estruturação dessa relação de domínio, na qual os povos originários foram vistos como abertos à servidão e a prestatividade "voluntária" por serem vistos como minoritários em todos os sentidos. Este aspecto contribuiu fortemente a resistência ao diálogo por parte dos indígenas ao se relacionarem com os homens brancos, impossibilitando muitas vezes o acesso a sua cultura e saberes.

> O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. As informações que ela recebe de como se constituir como pessoa e atuar na sociedade já seguem um roteiro predefinido.[155]

É necessário pensarmos a quem se destina essa educação humanizada e entrelaçada à vida, ela não pode ser mais um produto de consumo útil à sociedade moderna. Ela deve estar a serviço de um emergente repensar o modo

[155] KRENAK, 2020, p. 54.

de vida no planeta para que a humanidade continue a existir. O autor propõe o resgate dos conhecimentos ancestrais como forma de lembrar que somos parte da Terra. A educação, segundo sua perspectiva, precisa reconectar os seres humanos à Terra – formar não apenas "cabeças pensantes", mas corações sensíveis e corpos engajados.

> Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter[156].

Krenak critica o modelo educacional tradicional por reproduzir desigualdades e cercear a liberdade de pensamento. Para ele, a escola não forma cidadãos críticos, mas condiciona os indivíduos a aceitar ideias impostas, gerando conformismo e impactos negativos na sociedade. A citação evidencia a urgência de uma educação que valorize autonomia, diversidade e responsabilidade social.

Essa perspectiva é visível nos documentos legais que embasam teoricamente a educação brasileira, como por exemplo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que objetiva estabelecer as aprendizagens essenciais as quais todos os estudantes devem desenvolver na Educação Básica; garantindo um patamar mínimo de qualidade na educação. Em outras palavras, a BNCC visa garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os alunos, independentemente da escola, região ou contexto social, dando ao ensino uma universalidade e não considerando as especificidades dos indivíduos como se todos aprendessem da mesma forma e ao mesmo tempo. Haja vista, em contrapartida o atual ensino se apresenta num currículo fragmentado.

Nesse seguimento, o Projeto Raízes, é um projeto pedagógico que surgiu como caminho para a implementação de uma prática educativa que valoriza e integra a memória ancestral dos sujeitos e as dimensões espirituais. Foram e são muitos os desafios a implementação de um ensino integrado, que enfatiza o protagonismo do aluno na práxis educativa, valorizando sua história, seus saberes e interesses. Brasil-Embrapa reitera

[156] KRENAK, 2020. p. 55.

> O conhecimento tradicional dos povos originários é um grande indicador do grau da evolução cultural do homem com o seu ambiente, que, por meio de processos contínuos e dinâmicos, geram conhecimentos – os quais se perpetuam enquanto permanece a relação entre os humanos e o seu ambiente. Assim, o conhecimento tradicional é uma das facetas da evolução cultural que se manifesta na arte, no esporte, nas atividades e práticas artesanais, na criação de instrumentos de trabalho, nas práticas de cura, nos costumes de vestimenta e, inclusive, nos hábitos alimentares.[157]

Diante o exposto, a educação planetária propõe uma transformação profunda nos modos de aprender e viver, combatendo o paradigma técnico e utilitarista que reduz o conhecimento à função prática e ao consumo. Fundamentada no saber ancestral e na espiritualidade, essa nova educação valoriza a escuta atenta, o cuidado com a vida e o encantamento com o mundo como caminhos essenciais para formar consciências mais integrais. As comunidades tradicionais, detentoras de um saber profundamente ligado à dimensão sagrada da natureza, afirmam-se como orientadoras de uma nova ética de vida, uma ética que valoriza e reconhece a interligação entre todos os seres, como afirma Krenak, o nosso futuro é ancestral. Ele afirma "os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui. [...] estamos em todos os lugares, pois em tudo estão os nossos ancestrais, os rios-montanhas, e compartilho com vocês a riqueza incontida que é viver esses presentes.[158]

Como temos refletido ao longo do texto, Hooks propõe uma pedagogia engajada que reconhece os estudantes como seres integrais, considerando suas histórias, culturas, emoções e experiências vividas. Ela critica modelos educacionais que tratam os/as estudantes como receptores passivos/as de conhecimento, defendendo uma abordagem que valoriza a participação ativa, o diálogo e a construção coletiva do saber. Essa perspectiva amplia a dimensão formativa da educação, conectando-a com as práticas culturais e espirituais dos estudantes, e promovendo uma aprendizagem que respeita e integra suas identidades e vivências.

---

[157] BRASIL-EMBRAPA, 2015, p.16.
[158] KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 11.

Portanto, a escola que almejamos deve romper com os modelos tradicionais que reduzem a educação a um processo mecânico e excludente, abrindo espaço para práticas que reconheçam a diversidade cultural, os saberes ancestrais e a espiritualidade como fundamentos de uma formação integral. Essa transformação exige coragem para transgredir paradigmas estabelecidos, valorizando a autonomia, o diálogo e o protagonismo dos estudantes. Somente assim será possível construir uma educação planetária, capaz de formar sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com a vida em todas as suas dimensões, resgatando o vínculo essencial entre humanidade e natureza.

Conclusão

A reflexão desenvolvida ao longo deste estudo evidencia que a integração dos saberes ancestrais e da espiritualidade no currículo escolar constitui um movimento urgente e necessário para a construção de uma educação mais humana, crítica e conectada com os desafios do século XXI. O diálogo entre conhecimento científico e tradições indígenas, quilombola e afro-brasileira possibilita a superação de uma lógica educacional eurocêntrica e fragmentada, que historicamente inviabilizou práticas, cosmologias e modos de vida fundamentais para a formação integral dos sujeitos.

O Projeto Raízes, concebido e implementado na EMEF Télbio Farias Cardoso, demonstra, na prática, que é possível articular conteúdos curriculares às experiências concretas das comunidades locais, promovendo aprendizagens significativas e engajadas. Ao valorizar a memória coletiva, a diversidade cultural e a espiritualidade, o projeto fortalece identidades, amplia a consciência crítica dos estudantes e contribui para a construção de vínculos de pertencimento com o território e com a Terra. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade que orientam sua metodologia revelam-se instrumentos pedagógicos potentes para superar a fragmentação do conhecimento e para aproximar a escola da vida.

As reflexões de pensadores como Ailton Krenak, Paulo Freire, Bell Hooks, Boff e Gadotti reforçam o entendimento de que a educação não pode restringir-se à transmissão de conteúdos descolados da realidade, mas deve constituir-se como prática libertadora, ética e espiritual, comprometida com a justiça social, a preservação da natureza e o bem viver coletivo. Assim, a educação planetária surge como paradigma transformador, capaz de reposicionar a escola diante das crises ambientais, sociais e culturais contemporâneas.

Conclui-se, portanto, que a valorização da ancestralidade e da espiritualidade, quando incorporadas às práticas pedagógicas, não apenas

amplia o horizonte formativo, mas também resgata uma dimensão esquecida da educação: a capacidade de cultivar a sensibilidade, o encantamento e a corresponsabilidade com a vida. Os desafios ainda são muitos — desde a resistência a mudanças curriculares até a necessidade de formação docente crítica e sensível a essas questões. Contudo, experiências como o Projeto Raízes revelam que é possível construir práticas educativas inovadoras, que rompem com a lógica utilitarista e abrem caminhos para uma formação integral, voltada para a convivência, a diversidade cultural e a sustentabilidade do planeta.

Assim, reafirma-se que o futuro da educação exige coragem para transgredir paradigmas, reposicionar a escola como espaço de diálogo intercultural e espiritual, e reconhecer que somente enraizando-se na memória ancestral será possível florescer em direção a uma humanidade mais justa, plural e solidária.

Referências

ADAM, Júlio; PUNTEL, Clairton. Mindfulness e espiritualidade como estratégica de enfrentamento em situações de crise. *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo v. 61 n. 1, p. 239-255 jan./jun. 2021. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/780/689

BOFF, Leonardo. É possível garantir a sustentabilidade da Terra? 2021. Disponível em https://www.ihu.unisinos.br/categorias/648409-e-possivel-garantir-a-sustentabilidade-da-terra-artigo-de-leonardo-boff

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade*: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BRASIL – EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). *Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal*. Brasília, DF: EMBRAPA, 2015.

FRANÇA, Heloisa. *Corpo-Templo:* poéticas visuais, rito e memória. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais). Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cachoeira, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

GADOTTI, Moacir. *Educar para viver com a Terra*. s/d. p. 1-14.Disponível em: https://gadotti.org.br/bitstream/123456789/416/2/AMG_PUB_01_003.pdf

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Perguntas frequentes sobre CTA*. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/849/

KRENAK, Ailton *Ideias para adiar o fim do mundo* .1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LINS, Judith Sucupira da Costa. *Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 1-12. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Lins-Educacao_bancaria.pdf

MILANEZ, Felipe. Ailton Krenak: um professor formado na luta. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 2016. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/552192-ailton-krenak-um-professor-formado-na-luta

PUNTEL, Clairton; ADAM, Júlio Cézar. Espiritualidade, regulação emocional e educação: definições, funções e proposição. In PINHEIRO, Danielle Ventura de Lima; ADAM, Júlio Cézar; PUNTEL, Clairton, SILVA, Marinilson Barbosa. *Educação, espiritualidade e desenvolvimento socioemocional*. João Pessoa: Editora UFPB, 2023. p. 94-107. Disponível em: https://www.editora.ufpb.br/press5/index.php/UFPB/catalog/view/1109/1042/11835

ULRICH, Claudete Beise. Educar para a praxis do cuidado e da espiritualidade: perspectivas para a construção do bem-viver. In: FOERSTE, Erineu (Org.). *Culturas, parcerias e Educação do Campo*. Curitiba: Appris, 2020. p. 387-395.

ULRICH, Claudete Beise; Lacerda, Geisa Hupp Fernandes; SILVA, Edeson dos Anjos; SCHUBERT, Arlete Maria Pinheiro. Diáspora africana, ancestralidade e a tradição religiosa dos candomblés:: (en)cruzilhadas a conhecer. *Identidade!*, *27*(1), 105–119. 2022. Disponível em https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/2067

VIDAL, Marina. O outro nome da vida. Disponível em https://sempreumpapo.com.br/o-outro-nome-da-vida/